

Paixão, Amor, Namoro e Saudade

Ana Cristina Canosa Gonçalves *

Roberto Freire e Fausto Brito, em seu livro *Utopia e Paixão (Utopia e Paixão, a política do cotidiano*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1984, 3^o edição.), apresentam algumas concepções sobre amor, paixão, sedução e namoro que muito me agradaram. A primeira que me chamou a atenção foi relativa ao amor. Estamos acostumados a entender o amor como um sentimento que vai aparecer depois da paixão, algo que amadurece com o tempo, que nasce de uma relação de intimidade e que se transforma com o fim do entusiasmo arrebatador, característico do início das relações. Para Freire e Brito, o amor é que antecede a paixão, ele é de graça, vem pronto com a vida; já a sedução e a paixão são criações do homem, formas que ele inventa para que ame melhor e mais, tudo a que ele tem direito. A paixão é como uma energia intensificadora, que deixa o amor maior ou menor; ela não é o amor, mas algo que aplicamos sobre ou dentro do amor, mudando seu estado, não sua natureza. A paixão passa a existir no ser humano quase como necessidade vital, é o que nos distingue do outro; a paixão nos faz sentir vivos, diferentes. Nós não precisamos aprender a nos apaixonar, mas a deixar nos apaixonar. Assim a paixão tem haver com a liberdade e somos obrigados a conquistá-la. A paixão move o ser humano a seduzir o outro, a conquista-lo, a buscar proximidade, a lutar pela parceria, a namorar. E o que dissermos deste, o namoro, essa necessidade humana de estabelecer vínculo e compartilhamento com um par? O namoro, diferentemente do *ficar* descompromissado dos adolescentes, envolveria em nossa concepção, uma focalização da sedução, uma direção sempre conhecida da energia e da paixão para um objeto de amor específico. Mas este é o namoro como produção cultural, que se apresenta assim como algo que estreita, no que deveria ser o que nos liberta. Porque para muitos pode bastar apenas um homem ou uma mulher para a satisfação afetiva-sexual, mas isso não significa necessariamente que não possamos namorar outras pessoas. Nós namoramos amigos, a mãe, o pai, o irmão; podemos namorar os colegas de trabalho, quando isso implica em seduzir e transformar as relações em vínculos mais interessantes do que o simples existir. Namorar ou seduzir, segundo os autores, não tem nada haver com amar, embora certas seduções e alguns namoros possam resultar em amor. Quando se namora bem, se ama melhor. Quando só namoramos um, o amor fica aprisionado e portanto comprometido. Torna-se ciumento, possessivo, pobre. Para amar é preciso ser livre! Gostaria de ir além nesta reflexão, para associar mais um sentimento a experiência

amorosa: saudade. Quanto mais amamos bem, mais saudade temos desse amor. Mario Prata descreve em sua crônica *Sentimentos* que a "...saudade é quando o momento tenta fugir da lembrança para acontecer de novo e não consegue". Quantos momentos tentam fugir da lembrança diariamente, para acontecer, mais uma vez...por favor, mais uma só!! A sexualidade, antes de ser investida da paixão, da sedução e se transformar em namoro, é constituída de saudade. Todas as nossas buscas de satisfação nasceram do registro da primeira experiência boa que ficou na lembrança, que deixou marcas e que tenta capturar o mesmo sentido, a mesma apreensão, o mesmo prazer que outrora fez o corpo sorrir. Nós estamos, a todo tempo, recordando a imagem corporal, o momento que foi, a viagem inesquecível, a atualização do ideal de amor, aquele orgasmo. Muitas vezes, esquecidos do namoro cotidiano, não nos contentamos com o real, nem atualizamos as imagens e vivências da atualidade. Melancolicamente vivendo relações sem namoro, a saudade assume proporções tão intensas que encontra, ao meu ver dois caminhos distintos: paixão ou depressão; vida ou morte. Quando a saudade revive a necessidade do enamoramento, então ela mobiliza para a busca da vida afetiva e a sexualidade se recria, se constrói. Tendo amado bem e experienciado algumas prazerosas sensações, a saudade mobiliza a encontrar novas emoções, oriundas da primeira, mas não apenas sua reprodução; do contrário, quando ela não suporta não acontecer da mesma forma, a saudade morre, se deprime, se encerra em si mesma e a sexualidade adocece.

Nelson Vitiello como um estudioso da sexualidade era a expressão da paixão, o combustível, o que mobilizava a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana a existir e se propagar como agregadora de pessoas, idéias e ideais. Ele era um homem livre, para amar, para estudar, para apaixonar-se, para conviver. Morre um homem, nasce uma saudade, floresce nova paixão.

Assim como tantos outros que tiveram a alegria de tê-lo como mestre e amigo, eu aprendi com o Nelson a seduzir diariamente a vida para que ela faça festa não só na minha, mas também na existência dos outros. Quando os momentos vividos ao seu lado *tentam fugir da minha lembrança para novamente acontecer* eu mato as minhas saudades namorando: muito, a tudo e a todos, como ele sempre fez!!

- **A autora é psicóloga, pós-graduada em educação sexual pela SBRASH.**

Texto publicado no EDITORIAL do Boletim informativo Online (BIOL) da SBRASH - 03/02